

Tempo Comum 18

Serra do Pilar, 4 agosto 2019

Ide por todo o mundo, anunciai o Evangelho!

**Que o Deus de Israel
nos abençoe para sempre
E guie os nossos passos
na Alegria e na Paz!**

Bendito seja o Senhor, nosso Deus e nosso Pai,
que tanto nos amou ao ponto de enviar
a Sua Palavra a recriar as obras da criação.

Meus Irmãos:

Vaidade das vaidades, tudo é vão! Não vale a pena! - diz Coeleth. Ele chama Vaidade (de *vanus*, vão, vazio) à distância que vai entre o ideal e a sua realização, mais concretamente à acumulação de bens deste mundo, à alienação mais estúpida do trabalho humano que leva a que, por um grave e injusto desvio, os bens se tornem males para os filhos dos homens.

Muitos modernos, nossos contemporâneos, têm denunciado com vigor e lucidez esta alienação: «era do vazio» ou da vaidade, tempo em que a acumulação ou gozo do efémero, do passageiro e do corruptível assume foros de verdadeira religião: a perda da dimensão do Transcendente substituída pelo culto do consumo.

Quando chegará a hora de os cristãos esclarecerem a Alternativa?

Senhor, que vieste salvar os corações arrependidos,
tem piedade de nós!

Kyrie, eleison!

Cristo, que vieste chamar os pecadores,
tem piedade de nós!

Christe, eleison!

Senhor, que intercedes por nós junto do Pai,
tem piedade de nós!

Kyrie, eleison!

Deus misericordioso tenha compaixão de nós,
perdoe os nossos pecados e nos conduza à vida eterna!

Ámen!

Oremos (...)

Ó Pai,
aproxima-nos uns dos outros
e faz-nos ouvir o teu apelo nas dores dos homens
que encontramos no caminho
e que nos ajudam a perceber
que somos companheiros e conterrâneos
de todos os homens da Terra.
Por Jesus Cristo, teu Filho e nosso Irmão,
na Unidade do Espírito Santo que nos habita.

Ámen!

Leitura do Livro de Coeleth (1,2 e 2,21-23)

Vaidades e mais vaidades - diz Coeleth – tudo é vaidade! Tal homem trabalhou com sabedoria, competência e êxito, e tem de deixar o seu património a quem em nada contribuiu para ele. Também, isto é, uma desilusão e um grande mal. Mas, então, de que aproveitam a um homem o seu trabalho e as ânsias do seu coração, com que se afadigou debaixo do sol? Todos os seus dias são penosos, a sua atividade é cheia de desgostos e nem de noite o seu coração descansa. Também isto é uma desilusão.

Canto responsorial (do Salmo 90)

**Feliz o homem que põe sua esperança no Senhor,
Aleluia!**

Tu podes desfazer o homem em húmus
dizendo apenas: "Voltai, homens, ao pó".
Mil anos diante de ti são como ontem,
ou como a vigília da noite; já passaram.

Tudo arrebatas, como em sonho,
como a planta verdejante da manhã
que brota vicejante pela matina
mas à tarde murcha e logo seca.

Leitura da Carta de Paulo aos Colossenses (3,1-5 e 9-11)

Meus Irmãos: Uma vez que ressuscitastes com Cristo, aspirai às coisas do alto, onde Cristo se encontra, sentado à direita de Deus; afeiçoi-vos às coisas do alto, não às da Terra. Pois vós morrestes e a vossa vida está escondida, com Cristo, em Deus. Quando Cristo, que é a vossa vida, se manifestar, então também vós vos haveis de manifestar com ele na glória. Mortificai, pois, os vossos membros terrenos: imoralidade, impureza, paixões, maus desejos, ganância (que equivale a adorar um falso deus). Não mintais uns aos outros, vós, que deixastes o homem velho com suas más ações. Cada um de vós passou a ser homem novo, que, para alcançar a verdadeira ciência, se vai renovando à imagem do Criador. Nesta renovação, não há Grego nem Judeu, nem circuncidado nem não circuncidado, nem bárbaro, nem selvagem, nem escravo, nem homem livre. O que há é Cristo, que é tudo em todos.

Aleluia!

Bem-aventurados os pobres em espírito
porque deles é o reino dos Céus!

Aleluia!

Leitura do Evangelho de Jesus Cristo segundo Lucas (12,13-21)

Disse alguém a Jesus, do meio da multidão: *Mestre, diz a meu irmão que reparta comigo a herança.* Mas Jesus respondeu-lhe: *Amigo, quem me fez juiz ou me encarregou das vossas partilhas?* Depois, disse aos presentes: *Vede bem! Guardai-vos de toda a cobiça: a vida de uma pessoa não depende de que tenha abundância de bens.*

E disse-lhes esta parábola: *O campo de um homem rico produziu uma excelente colheita. E ele pôs-se a discorrer, dizendo consigo: "Que hei de fazer, se não tenho aonde guardar a colheita?" Disse então: "Vou fazer assim: Vou deitar abaixo os meus celeiros para construir outros maiores e lá guardarei todo o meu trigo e os meus haveres. Depois, direi à minha*

alma: 'Ó alma, tens muitos bens em depósito para largos anos. Descansa, come, bebe, regala-te.'" Mas Deus respondeu-lhe: "Insensato! Esta noite vão exigir que entregues a alma. E o que preparaste, para quem será?" Assim sucede a quem acumula para si, em vez de se tornar rico aos olhos de Deus.

Aleluia!

Homilia

"Que o Deus de Israel/ nos abençoe para sempre/ E guie os nossos passos/ na Alegria e na Paz" — cantávamos ao iniciar esta ruptura no tempo que toda a acção litúrgica significa, enquanto irrupção da ordem do diferente na mesmidade e na banalidade dos dias.

Paradoxalmente, o tempo comum é um lugar da temporalidade litúrgica em que a banalidade dos dias se apresenta tendencialmente monótona e arrogante. São os "dias sem metáforas", como diria o poeta [José Rui Teixeira]. Mas são também os dias da vida que se resigna cinicamente a este mundo. Nessa capitulação ante o sentido pragmático das coisas, cresce a arrogância de tudo arrumar no tempo ordinário de uma vida. Diria, por isso, que o tempo comum é o tempo da vaidade, o tempo da auto-suficiência, o tempo da acumulação que, por medo ao vazio, paradoxalmente o empanturra com mais vazio. É para essa consciência de enfermidade espiritual que o tempo comum da liturgia nos alerta.

Tecido na noite penelopiana dos paradoxos, o cristianismo cedo percebeu — talvez demasiado cedo — que o tempo não se mede pela monotonia de uma narrativa fechada, ainda que a lógica etiológica e sacrificial da culpabilidade difusa a tenha acabado por impor como única grelha de leitura da realidade. A narrativa salvífica é sempre, sob pena de deixar de o ser, uma narrativa aberta. É para essa consciência que o evangelho de hoje nos acorda.

Penso muito naquilo que Hugo Mujica — presbítero da arquidiocese de Buenos Aires, outrora monge trapista, e poeta — escreveu no prólogo às suas *poéticas do vazio*:

“No princípio não há nada, depois há depois, algo, uma *marca* no tempo, um *é*. Aquilo que o vazio, o nada, o impossível ou a ausência deram ao ser.

Marcaram na página em branco ou na intempérie: na paisagem da possibilidade.

Na nudez, a espera”.

A sabedoria do coração, de que a liturgia da palavra faz eco, lembra que a resistência ao inesperado, ao novo, ao diferente e ao incontrolável não são verdadeiros caminhos de salvação. Todo o desejo de encerrar numa narrativa fechada, com as suas morfologia e sintaxe estáticas, são pura *vaidade*: desilusão, tempo monótono, pó, húmus, erva seca, palha.

A salvação não se negocia na estática de um verbo que tudo pretende captar e traduzir. Não se negocia sequer, porque não é da ordem do manipulável. A salvação é da ordem do impossível. De nada serve acumular. Por isso, habitar o vazio, o tempo comum dos “dias sem metáforas” é habitar a espera, a possibilidade de um mundo novo que talvez aqui não tenha lugar (*utopia*), única via de acolhimento do que é gratuito.

Assim meditava José Augusto Mourão a propósito do evangelho de hoje:

“Conhecer é receber. Ser espaço livre a modo de uma vasilha pronta para receber o líquido. Isso sabiam as beguinhas, essas mulheres que transportam o tema da alma nobre da literatura da corte para o domínio espiritual. Desapego, humildade, pobreza até ao aniquilamento — tanto no plano da vontade (caminho real para o país do não querer) como no do conhecimento (*nesciência* e *desimaginação*). Chama-se a isso *vacuidade*, que se deve traduzir por vacância ou disponibilidade. [...]

Nós temos horror ao vazio, por isso acumulamos. Por isso nos é tão difícil a vida espiritual. Por isso o inegociável nos é tão estranho. *Uma nobre claridade brilha docemente em nós/ E quer ser acolhida no ócio fiel* (Hadewijch). O ócio não é sinónimo de preguiça, inércia, mas refere-se ao *otium* no sentido de não estar preso a negócio *nec-otium*, portanto à disposição de uma acção livre, que tem o móvel da sua acção a partir de dentro de si mesma. Em negócios andamos sempre metidos (com Deus e os outros). É a partir daí que o vazio de um cálice pronto a receber o precioso vinho da hospitalidade nos pode acenar para o que é a afeição pura da cordial recepção grata do ser humano”.

Habitar permanentemente o espaço e o tempo do negociável é iludir a liberdade e desiludir o coração. Aquilo que é absolutamente necessário é ancorar a vivência do tempo, que é aberto e progressivo, à sua potencialidade máxima. Talvez fosse isso, *mutatis mutandis*, em que pensava Oscar Wilde quando escreveu que “um mapa do mundo que não inclua Utopia, não merece que lhe demos uma vista de olhos sequer, pois exclui o país em que a Humanidade está constantemente a desembarcar”. Talvez fosse essa intuição fundamental de Paulo, quando se dirigia aos Colossenses: “Uma vez que ressuscitastes com Cristo, aspirai às coisas do alto, onde Cristo se encontra, sentado à direita de Deus; afeiçoai-vos às coisas do alto, não às da Terra. Pois vós morrestes e a vossa vida está escondida, com Cristo, em Deus. Quando Cristo, que é a vossa vida, se manifestar, então também vós vos haveis de manifestar com ele na glória”.

José Pedro Angélico

Preces

Não se vai para a guerra como para um piquenique.
Mas qualquer militante de qualquer partido
parece mais empenhado que nós
nas lutas pela Verdade e pela Justiça!

**Senhor, atende a nossa voz;
Senhor, escuta o nosso grito de Esperança!**

Já estamos suficientemente metidos nisto
e comprometidos com Isto:
decididamente, a Seriedade de Jesus Cristo tocou-nos.
Mas não terá ela de passar por toda a nossa Vida?

O Fogo que temos nas mãos não nos queima?
Espantoso seria se isso não acontecesse!
Nós não estamos imunizados
contra aquilo que transmitimos aos outros!

Os olhos deste Mundo nunca verão
porque é que o Reino de Deus e a sua Justiça
têm a prioridade.

E, no entanto, é assim...

... e tudo o mais vem por acréscimo!

Ofertório

**Sois a obra das mãos de Deus,
criados em Jesus Cristo!**

“O homem de génio diz: eu sou”

O poderoso afirma: eu posso.

O rico diz: eu tenho.

O ambicioso: eu quero.

Eu! Eu! Eu!

E, afinal,

esses que vivem sós, completamente sós,

quanto dariam para como tu,

ou como eu,

dizerem simplesmente: nós.”

(Fernanda de Castro)

**Sois a obra das mãos de Deus,
criados em Jesus Cristo!**

Comunhão

**Nem só de pão vive o homem,
Mas de toda a Palavra
que vem da boca de Deus!**

Tu que habitas na casa do Deus Altíssimo
que vives à sombra do Deus Onnipotente,
diz ao Senhor: Sois o meu refúgio e o meu amparo;
Senhor, meu Deus, em vós confio!

Nenhum mal te atingirá,
nenhum flagelo chegará à tua tenda.
Porque ele mandou aos seus anjos
que te guardem em todos os teus caminhos!

Oração final

Oremos (...)

Senhor,
que renovas as nossas forças com o pão do céu,
protege-nos sempre com a tua graça,
fortalece-nos todos os dias da nossa vida
e torna-nos dignos do teu Reino.
Por Jesus Cristo to pedimos,
Ele, que é teu Filho e nosso Irmão,
na Unidade do Espírito Santo!

Ámen!

Final:

(Cânone)

Ide por todo o mundo e anunciai o Evangelho!

Ámen!

Leitura diária

2ª-feira: Nm 11. 4b-15; Sl 80; Mt 14, 13-21

3ª-feira: Nm 12, 1-13; Sl 50; Mt 14, 22-36

4ª-feira: Nm 13,1-2.25-14,1.26-29.34-35; Sl 105; Mt 15, 21-28

5ª-feira: Nm 20, 1-13; Sl 94; Mt 16, 13-23

6ª-feira: Dt 4, 32-40; Sl 76; Mt 16, 24-28

Sábado: Dt 6, 4-13; Sl 17; Mt 17, 14-20